

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

A policia carioca já não conhece barreiras às suas violências. Não respeita nem leis, nem Constituição, nem classes sociais. Todos se nivelam ante a sua prepotência. Não distingue entre grandes e pequenos, entre civis e militares, entre o povo e os seus representantes.

Ora, aqui está um traço verdadeiramente apreciável da nossa policia. Dela tudo se pode dizer, menos que não seja democrática e igualitária. Nivelam-se todos ante a sua prepotência. Contudo, dificultoso é admitir que função da policia seja exercitar a violência, ao invés de a evitar e reprimir.

Que pensa o govêrno a este respeito? Ninguém o sabe, porque éle não o diz; mas todos o sabem, porque, mais do que diriam as suas palavras, fala a indiferença ou, melhor, a conivência com que recebe as arbitrariedades da sua policia. Sim, convém não o esquecer: a policia é do govêrno, é um dos órgãos, um dos aparelhos com que o govêrno atua. Portanto, se a policia faz o que faz, e o govêrno não a substitui, não a modifica, nem sequer a repreende, é que o govêrno está de acôrdo com a policia e lhe perfilha os atos.

Não há, pois, como fugir desta responsabilidade, tão reiteradas são e tão impunes ficam as violências policiaes. Em vez de atacar a policia, como se ela fôsse um poder autónomo, o que a imprensa deveria era censurar o govêrno que a mantém.

Este é o ponto. Constitucionalmente e moralmente, o responsável é o govêrno; ninguém, sendo éle. Mas, que importa isto, se o govêrno, neste regime, é praticamente irresponsável? Pode a policia fazer o que entenda e o govêrno consinta, que a éste nada acontece. E' arbitraria e violenta a policia, por ser irresponsável o govêrno. Quem tiver dúvidas a tal respeito nada mais precisa fazer para as dissipar, sendo comparar, respectivamente, a ação da policia na segunda metade do século passado, com a monarquia parlamentar, e em meados do século actual, com a república presidencial. Há um século, uma violência policial poderia derrubar um ministro e era, por isto, coisa rarissima; hoje em dia, nem uma série de continuas violências o abala e se tornou, por isto, um fato quotidiano. Tanto vai de regime a regime.